

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

MARIA D'AJUDA DE ALMEIDA BRAZ PIRES

A SOBREVIVÊNCIA DO POVO PATAXÓ E A LUTA PELA TERRA
(ALDEIA BOCA DA MATA)

Belo Horizonte - MG
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

Maria D'Ajuda de Almeida Braz Pires

A SOBREVIVÊNCIA DO POVO PATAXÓ E A LUTA PELA TERRA
(ALDEIA BOCA DA MATA)

Percurso Acadêmico apresentado no âmbito do Curso de Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas, habilitação em Línguas, Artes e Literatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Shirley Aparecida de Miranda
Co-orientadora: Juliana Prochnow dos Anjos

Belo Horizonte - MG
2020

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais, meus avos, João Margoso e Mario Onça, Regina e Edite, por acreditarem que um dia eu me tornaria uma profissional na área da educação, a minha escola Indígena Pataxó de Boca da Mata pelo incentivo, meu esposo Arilton e meus filhos Lavínia ãdxuara e Otto José por serem o motivo das minhas conquistas, a toda equipe da Faculdade de Educação (FaE/UFMG) pela oportunidade de ingressar em uma universidade, as lideranças Pataxó e Xakriabá por sempre lutarem pelos nossos direitos na faculdade, e por fim aos meu antepassados pelos sofrimentos vividos durante o fogo de 51 para conquista do nosso território. Sem suas lutas hoje eu não teria um lugar para construir um lar, a todos os amigos que direta ou indiretamente participaram da minha formação, o meu muito eterno agradecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por cada vitória ao longo do caminho, porque sem Ele eu não chegaria onde estou hoje; agradeço a minha mãe pelo incentivo que desde do início me apoiou nessa caminhada; meu pai e meu irmão pelas ligações de preocupação sempre perguntando como eu estava; meu esposo por sempre confiar em mim e estar comigo em momentos que estive em Belo Horizonte; meus filhos foi o meu maior incentivo para não desistir dessa trajetória; tenho uma Gratidão enorme por todos que contribuíram e me ajudaram em fotos, vídeos, referências dos meus ex colegas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que serviram de fontes para meu trabalho; e as entrevistas com as bibliotecas vivas do território Pataxó: minha avó Edite Braz, o senhor Josafá, dona Cassilda, meu tio Zildo, Cacique Alfredo Santana, Valtenor Pataxó, Edi Pataxó, meu sogro Josedelquias, Everaldo Braz, Mathias Santana, e Eli Ferreira (*in memorian*).

Todos os meus mestres da UFMG, pela compreensão nos momentos difíceis com relação ao cuidado com meu filho Otto José e também meus professores da base, sem eles com certeza eu não chegaria nem na metade da educação escolar, que com seus conhecimentos e ensinamentos me incentivaram sempre a vencer qualquer dificuldade, em especial minha orientadora Shirley Miranda que sempre tinha atenção comigo e pela oportunidade e apoio durante todo o processo de construção desse TCC. Com muito amor, a minha coorientadora Juliana Prochnow (Ju) sempre disposta a ajudar na elaboração do meu trabalho, queria tê-la conhecido antes, uma pessoa atenciosa e prestativa, deixo aqui meu muito obrigada; a professora e hoje minha comadre Maria Gorete Neto que me ajudou no primeiro momento que cheguei na universidade como tem uma fala no meu texto sobre as minhas dificuldades a cursar uma universidade; aos meus amigos indígenas companheiros da Educação, obrigada pelas palavras de apoio, a Joseane Ponçada, Leandro Braz dos Santos, meu Primo Iran Vieira, Sara Morais, Estefânia, Suyhe, Narinha, Adreano minhas comadres Leticia Santana, Ana Karina e Daniela, a Inglys, Marly, Samá, Harian, Dalton, e uma amiga que tenho um grande respeito por ela que é a Laudiceia Tupiniquins, enfim ao Povo Pataxó HÃHÃHÃ-E; e aos meus amigos Xakriabá com vocês eu aprendi o verdadeiro significado de ser um povo unido de verdade; a minhas cunhadas Dinair, Iraildes, meu cunhado Dedeco, minha

sobrinha Thainara e as minhas primas Monique e Lelian por cuidarem da minha filha enquanto eu estava longe de casa estudando; as meninas Rigazônia (Txayhé) e Kelly por terem deixado suas famílias na aldeia e irem até Belo Horizonte cuidar da minha filha e do meu filho.

Não poderia deixar de agradecer a equipe docente da Escola Indígena Pataxó de Boca da Mata: ao diretor Jovino Ponçada e a minha auxiliar de classe Jeane Ferreira, a minha amiga Fátima, a Yuri que me deram total apoio durante a minha ausência na sala de aula com meus alunos; aos meus alunos e pais pela compreensão; aos meus vizinhos Gurim, Joana, Maria Aparecida, Edi e Janeide por cuidarem da minha casa, não vou me esquecer da frase que quando eu fui pra Belo Horizonte e depois de um mês quando voltei encontrei meu quintal e minha casa limpa, e essa foi a frase de uma mãe do meu aluno Janeide “vou limpar as coisas dela porque ela foi em busca de conhecimento não só pra ela mais também pros meus filhos e pra os pequeninos da nossa Aldeia”.

Ao dono da Hospedagem Chamovilly e hoje meu compadre o senhor Marcio Chamony e toda equipe que receberam minha família e me trataram tão bem que durante os quatros anos nunca quis mudar de hotel, fora os cuidados e carinho com os meus filhos; aos bolsistas Ana Paula, Matheus, João; e aos meus irmãos da Igreja Evangélica Intertribal, pelas orações.

Durante o tempo que passei na Universidade eu não ganhei somente amigos, mas sim uma verdadeira família. Se essa apresentação fosse presencial com certeza seria diferente, mas como será online recebam meus abraços e agradecimentos de onde estiverem.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é contribuir para a valorização da luta pela demarcação do território e preservação da natureza, dentro do território Barra Velha e também fortalecer os jovens para que os conhecimentos tradicionais e o ponto de vista histórico deixados pelos mais velhos não se perca. Pretende-se com esta iniciativa criar projetos para que a comunidade em si ganhe mais oportunidades de trabalho. Futuramente, eu gostaria de fazer um livreto contando a história de vida das lideranças no processo de conquista da terra, incentivando a luta pela demarcação da nossa terra. Foram realizadas dez entrevistas, eu mesma ouvi cada entrevistado, pessoalmente, em quatro aldeias: Boca da Mata, Córrego da Cassiana, Meio da Mata e Aldeia Barra Velha. Na conclusão parto das perguntas: como seria se algum dia nossas terras fossem demarcadas? O que mudaria para nós? E reafirmo que a sobrevivência do povo Pataxó está ligada ao território e que a demarcação das terras garantiria condições de produção.

Palavras Chave: Terra Indígena, Sobrevivência, Demarcação

LISTA DE FIGURAS

<u>Imagem 1 - Carregamento da tora para garantir o casamento. Fotografia de Carleone Filho, 2015</u>	17
<u>Imagem 2 - Troca dos cocares. Aldeia Boca da Mata. Fotografia de Carleone Filho, 2015.</u>	17
<u>Imagem 3 - Meu casamento cultural na Aldeia Boca da Mata. Fotografia de Carleone Filho, 2015.</u>	18
<u>Imagem 4 - Mapa das aldeias do território Pataxó de Barra Velha, produzido por Juari e Rodrigo Pataxó, 2011.</u>	21
<u>Imagem 5 - Mapa Google Earth via satélite Aldeia Indígena Pataxó Boca da Mata, Porto Seguro-BA 2020</u>	22
<u>Imagem 6 - Centro da Aldeia Indígena Pataxó Boca da Mata. Fotografia de Edi Pataxó, 2019</u>	23
<u>Imagens 7, 8 e 9 – Enxó, formão e folhas de Embaúba. Fonte: https://pt.wikipedia.org</u>	25
<u>Imagem 10 - Motores elétricos instalados na Aldeia Boca da Mata. Arquivo pessoal da autora, 2019.</u>	30
<u>Imagem 11 - Coxo feito à mão pelo índio Gurim, na Aldeia Boca da Mata. Arquivo pessoal da autora, 2019.</u>	32
<u>Imagem 12 - Derrubada de madeira no parque Nacional. Fotografia de Tohõ Pataxó, 2020.</u>	33
<u>Imagem 13 - retirada de madeira no Parque Nacional. Fotografia de Tohõ Pataxó, 2020.</u>	33
<u>Imagem 14 - Meio de transporte usado para carregar madeira pelos indígenas. Fotografia de Jeane Ferreira, 2019.</u>	34
<u>Imagem 15 - Área de retomada invadida pela força nacional. Fotografia de Juliana Pataxó, 2014.</u>	36
<u>Imagens 16 e 17 - Colheita de café na fazenda Zé Roque. Fotografia de Edi Pataxo, 2020.</u>	37
<u>Imagem 18 - Julgamentos do Cacique Joel Braz. Arquivo pessoal da autora, 2017.</u>	38
<u>Imagens 19 e 20 - Comercialização do artesanato dentro da aldeia. Arquivo pessoal da autora, 2019.</u>	39
<u>Imagens 21 e 22 - Comercialização do artesanato, na Praça 7, centro comercial de Belo Horizonte. Arquivo pessoal da autora, 2019.</u>	40
<u>Imagens 23 e 24 - Galinheiro e ovos produzidos na Aldeia Boca da Mata através da Associação de Mulheres. Arquivo pessoal, 2018.</u>	41
<u>Imagem 25 - Mudanças de árvores nativas, Aldeia Boca da Mata. Fotografia de Mathias Santana, 2019.</u>	42
<u>Imagem 26 - Agricultor Luiz Pesca na aldeia Boca da Mata. Arquivo pessoal da autora, 2019.</u>	43
<u>Imagens 27 e 28 - Construção da casa tradicional na Aldeia Boca da Mata e Aldeia Córrego da Cassiana. Fotografia de Wallas Ferreira, 2019.</u>	44
<u>Imagens 29 e 30 - Modelo de casa tradicional. Arquivo pessoal da autora, 2010.</u>	45
<u>Imagem 31 - Uma das partes da floresta do Parque Nacional do Monte Pascoal horas antes de ser queimada. Fotografia: Arilton Pires Pereira, 2019.</u>	47
<u>Imagem 32 - Começo da queimada do Parque Nacional. Fotografia: Arilton Pires Pereira, 2019.</u>	48
<u>Imagem 33 - A mesma área queimada em minutos. Fotografia: Arilton Pires Pereira, 2019.</u>	48
<u>Imagem 34 - Aldeia Boca da Mata. Arquivo pessoal da autora, 2020.</u>	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNDS – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBDF – Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

PNMP – Parque Nacional do Monte Pascoal

SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena

SUMÁRIO

<u>1. INTRODUÇÃO</u>	10
<u>2. METODOLOGIA</u>	10
<u>2.1 Os entrevistados</u>	11
<u>3. A MINHA HISTÓRIA E A HISTÓRIA DA MINHA ALDEIA</u>	16
<u>3.1 Minha História</u>	16
<u>3.2 A história da Aldeia Boca da Mata: como tudo começou</u>	21
<u>4. A LUTA PELA DEMARCAÇÃO E A SOBREVIVÊNCIA</u>	25
<u>4.1 A devastação em torno das áreas indígenas</u>	27
<u>4.2 Problemas gerados pela não demarcação de terras</u>	28
<u>4.3 O artesanato de madeira como forma de sobrevivência e a relação com o ICMBIO</u>	31
<u>4.4 Processo de retomada da Terra Indígena Barra Velha: Aldeia Boca da Mata</u>	35
<u>5. FORMAS DE SOBREVIVÊNCIA NA LUTA PELA DEMARCAÇÃO DO TERRITÓRIO</u>	39
<u>5.1 Os projetos que garantem parte da sobrevivência na Aldeia Boca da Mata</u>	40
<u>5.1.2 A COOPLANJÉ</u>	41
<u>5.2 Os agricultores da minha aldeia</u>	43
<u>6. A CULTURA NA ALDEIA BOCA DA MATA</u>	44
<u>7. A SAÚDE INDÍGENA DENTRO DA ALDEIA</u>	46
<u>8. A GRANDE QUEIMADA DE 2019</u>	47
<u>9. CONCLUSÃO: O TÃO SONHADO TERRITÓRIO</u>	49
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	51

. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a sobrevivência do povo Pataxó nos dias atuais e a luta pelo território. Essa luta começou desde que os portugueses chegaram aqui e permanece até hoje. O objetivo é abordar a luta pelo território e o registro das histórias de vida, luta e resistência dos nossos guerreiros anciões que, com seu ritmo e estilo, demonstram padrões culturais, levam ensinamentos e podem ser utilizadas como recurso didático nos estudos e pesquisas.

A escolha deste tema surgiu das necessidades de compreender e conhecer a importância de como lutar para conquistar nosso território, tendo em vista a preocupação de melhorar nosso meio de sobrevivência dentro da nossa comunidade. Entende-se que a caça, a pesca e os artesanatos, entre outros, considerados recursos valiosos para nossa sobrevivência, está se perdendo cada vez mais.

2. METODOLOGIA

A metodologia que usei foi por meio de pesquisas de campo no território em quatro comunidades Pataxó – Boca da Mata, Meio da Mata, Cassiana e Barra Velha. Observei os meios de sobrevivência do povo Pataxó da aldeia Boca da Mata e outras comunidades indígenas, como eles viviam antes, e como vivemos nos dias atuais, quais as lutas enfrentadas para a conquista do território em relação a sobrevivência, já que não vivem mais, exclusivamente da caça, pesca e outros meios de recursos naturais de antes.

Além de observações nessas comunidades utilizei trabalhos de alguns parentes que já se formaram no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), como Camila Vieira, Leandro Braz dos Santos, Cleidiane Ponçada e Eriza Braz e Iraia Guedes, alguns livros de pesquisadores indígenas e não indígenas. Fiz entrevista com alguns anciões e lideranças, e pessoas comuns das aldeias, que lutaram e lutam pelos nossos direitos. Usei também a internet, noticiários e documentários.

Foram realizadas dez entrevistas no total, eu mesma ouvi cada entrevistado, pessoalmente, em quatro aldeias: Boca da Mata, Córrego da Cassiana, Meio da Mata e Aldeia Barra Velha.

2.1 Os entrevistados



Ailton Pereira dos Santos (Zildo), 81 anos, nasceu no dia 25 de dezembro de 1939 e foi o primeiro morador da Aldeia Boca da Mata, onde se tornou liderança e lutou para salvar a vida durante o fogo de 51. Atualmente é liderança da Aldeia Cassiana.



Josafá Ferreira de Almeida, nascido em 09 de agosto de 1950, filho de Francisco Ferreira de Almeida e Francisca da Conceição Almeida, foi um dos primeiros moradores e liderança da Aldeia Boca da Mata. Atualmente é liderança e mora na Aldeia Cassiana, no município de Porto Seguro (BA).



Matias Santana da Conceição nasceu no dia 14 de março de 1979, filho de Manoel Santana e dona Analia Santana. É presidente da Cooperativa COOPLANJÉ Aldeia Boca da Mata.



Cassilda Maximo Pinheiro, 87 anos, tem a função de benzedeira em Boca da Mata. Nasceu no dia 06 de novembro de 1933 e é filha de Rosaria Maximo Pinheiro.



José Delquias Pires Pereira, 83 anos, foi uma das primeiras lideranças e morador da Aldeia Boca da Mata. É filho de Pedro Pereira e de dona Justina Pereira.



Edite Braz da Conceição, 88 anos, nasceu no dia 15 de agosto de 1932 e foi uma grande benzedeira e parteira na Aldeia Corumbalzinho. Atualmente mora na Aldeia Boca da Mata.



Alfredo Santana Ferreira, 47 anos, nascido no dia 06 de setembro de 1973, exerceu o papel de cacique na Aldeia Boca da Mata por 20 anos. Hoje é o presidente do Conselho de Caciques da Terra Indígena Barra Velha, no município de Porto Seguro (BA). O cacique Alfredo Santana representa 19 comunidades indígenas.



Valtenor Silva do Nascimento, 46 anos, nascido em 12 de setembro de 1974, lutou bravamente pelo Território Pataxó da Aldeia Boca da Mata e Aldeia Cassiana. Atualmente é liderança da Aldeia Cassiana.



Everaldo Braz dos Santos, 51 anos, nascido no dia 22 de outubro de 1970, é pescador, pai de família e liderança da Aldeia Barra Velha. Além disso, é uma liderança que representa os estudantes indígenas no Conselho Construtivo da UFMG.



Eli Ferreira dos Santos (*in memoriam*), nasceu no dia 23 de outubro de 1959 e faleceu em 2020, com 61 anos de idade e muita sabedoria e conhecimentos tradicionais sobre a luta Pataxó. Com apenas 19 anos de idade, foi um dos primeiros caciques da Aldeia Boca da Mata.

Uma das minhas entrevistas que eu achei mais interessante foi com minha Vó Edite Braz, porque na hora começaram a chegar outras anciãs e ali começou a virar uma roda de conversa muito gratificante e útil, percebi que ganhei um conhecimento muito mais rico do que imaginei.

Fiz entrevistas com um dos primeiros moradores da Aldeia Boca da Mata, o senhor Josafá, hoje morador e liderança da aldeia Cassiana.

Era um dos meus desejos conversar com o primeiro cacique da minha Aldeia, o senhor Eli. Conversei com ele sobre a luta Pataxó e depois de 45 minutos de entrevista, ele quis ouvir a gravação. Minhas entrevistas foram todas pessoalmente, algumas usei apenas frases e outras precisei transcrever. As bibliotecas vivas da minha comunidade foram a minha maior fonte de pesquisa.

No período dessa pesquisa, além das entrevistas, participei da construção da casa tradicional Pataxó na Aldeia Cassiana, essa parte foi bastante interessante, pois ganhei ainda mais conhecimentos sobre minha cultura. Também visitei áreas degradadas no momento em que estava acontecendo uma queimada na floresta do Parque Nacional do Monte Pascoal (PNMP), ajudando minha comunidade no combate ao fogo. Naquele momento eu não poderia estar apagando o fogo da floresta porque estava na semana de ter meu filho, mas ajudei na parte de distribuição da alimentação e água para os brigadistas voluntários.

3. A MINHA HISTÓRIA E A HISTÓRIA DA MINHA ALDEIA

3.1 Minha história

Meu nome é Maria D’Ajuda de Almeida Braz Pires, tenho vinte oito anos, esse nome foi escolhido pela minha avó, segundo ela eu nasci sem vida e ela fez uma promessa pra um dos ídolos dela que é nossa senhora D’ajuda, mas desde criança me chamam de Dajy, é meu nome social que gosto de usar. Nasci e cresci na minha Aldeia Boca da Mata que fica localizada no Município de Porto Seguro-BA, sou filha de Doralice Braz de Almeida e Sinaldo Ferreira Braz ambos indígenas, minha mãe é funcionária pública e meu pai é artesão. Há mais ou menos uns dez anos estão separados. Tenho um irmão chamado Aiube de Almeida Braz de vinte e quatro anos que é casado,

tem quatro filhos e mora em outra aldeia. Depois que meus pais se separaram eu fui morar com minha avó materna na Aldeia Corumbalzinho, Município de Prado-BA; estudei em um colégio não indígena por alguns anos até completar o ensino fundamental em um assentamento chamado Três Irmãos, Município de Prado-BA. Depois de sete anos estudando, voltei a morar com minha mãe para terminar o ensino médio porque em Três Irmãos não tinha ensino médio, e quando fui morar com minha mãe terminei o ensino médio na Aldeia Boca da Mata, no ano de 2010. No ano seguinte, comecei a trabalhar de secretária na escola, e no mesmo ano comecei a fazer faculdade particular, na área da Pedagogia na cidade de Itamaraju-BA. Terminei o curso no ano de 2014, a essa altura já tinha o meu primeiro emprego como secretária na escola indígena Pataxó Boca da Mata. No ano seguinte, teve um processo seletivo, passei e comecei a trabalhar como professora da Educação Infantil. Trabalhava na aldeia e depois fui convidada para trabalhar fora da aldeia em um vilarejo chamado São Geraldo que fica próximo da aldeia.

Em 2013, conheci meu esposo e dois anos depois nos casamos na cultura tradicional indígena Pataxó, casamento civil e também no religioso. Eu tinha um desejo muito grande de casar na minha cultura, para isso comecei a pesquisar sobre o assunto. A primeira pessoa que perguntei foi minha avó Edite Braz ela me falou como era o casamento antes, e assim eu fiz.

“Minha filha antigamente os casamentos eram assim, o noivo tinha que carregar uma tora de pau do mesmo peso da noiva nas costas e correr algumas léguas, se ele conseguisse casava se não conseguisse o pai da mulher não deixava, isso tudo era pra ver se ele garantia a mulher na hora das retomadas, em uma caçadas, tinha minha filha de correr com a mulher e os filhos nas costa, no final do casamento fazia a troca de cocar representando o amor e a fidelidade” (Edite Braz Da Conceição)



Imagem 1 - Carregamento da tora para garantir o casamento. Fotografia de Carleone Filho, 2015



Imagem 2 - Troca dos cocares. Aldeia Boca da Mata. Fotografia de Carleone Filho, 2015.



Imagem 3 - Meu casamento cultural na Aldeia Boca da Mata. Fotografia de Carleone Filho, 2015.

Após a minha pesquisa sobre o casamento tradicional Pataxó organizei a cerimônia com as lideranças, o cacique e o Pajé e me casei na cultura Pataxó. Convidei toda a comunidade, logo depois o próprio pajé me disse que foi o primeiro casamento tradicional realizado na Aldeia Boca da Mata.

Estou casada desde 2015 com meu esposo Arilton Pires Pereira mais conhecido na aldeia como Galego, ele tem 32 anos. São nove anos juntos entre namoro e casamento, temos um casal de filhos, Lavínia ãdxuara de quatro anos, e Otto José, de apenas um ano e quatro meses. Na minha aldeia é muito comum os adolescentes se casarem muito novos, mas eu não quis seguir esse conceito pois pensava muito no meu futuro, de como meus antepassados sofreram muito para criarem os filhos e o que meus pais passaram para criar eu e meu irmão, então resolvi estudar muito e me dedicar antes de construir uma família. Meus pais me incentivaram muito para hoje chegar aonde cheguei.

Então só pensei em ter meus filhos quando eu e meu esposo tivéssemos condições pra dar o melhor para eles nunca passar o que nós passamos, toda luta pra sobreviver. Desde sempre era meu sonho ser professora numa comunidade que sempre morei e assim meu sonho está se realizando. Então com o dinheiro que ganhava dando aula, eu pagava minha faculdade até concluir; agradeço a Deus a meus pais e meu esposo que me ajudaram nessa etapa da minha vida. Após concluir a faculdade, já tinha uma profissão já estava com 25 anos resolvi me casar e só depois vieram os filhos. Hoje sou muito feliz, pois sempre foi meu sonho ter um casal de filhos.

Eu já tinha uma graduação e trabalhei em sala de aula da Educação Infantil, mas ia ter um processo seletivo no município que eu não poderia participar porque eu só tinha pedagogia e a Secretaria de Educação exigia uma graduação intercultural indígena.

Em 2016, saiu o edital para o vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foi quando minha cunhada veio até minha casa tirar uma Xerox pra fazer a inscrição e me perguntou se eu não iria fazer. Fiquei pensando e vi uma oportunidade para iniciar mais uma graduação e assim trazer mais conhecimentos para minha vida e para o povo da minha comunidade. Minha filha tinha apenas três meses de vida quando saí da aldeia e fui fazer a prova em Porto Seguro-BA. Depois saiu o resultado e eu recebi a boa notícia que tinha sido aprovada no curso de Línguas Artes e Literatura, saltei de alegria. Quando foi no mês de agosto de 2016 era hora de arrumar as malas e partir para Belo Horizonte, levei meu esposo e minha filha comigo; agradeço a DEUS por ele ter colocado uma pessoa maravilhosa na minha vida meu esposo é uma pessoa que me ajuda em tudo que preciso.

Quando cheguei a Belo Horizonte senti vontade de desistir, pois estávamos com problemas financeiros, meu esposo estava desempregado e para chegar até Belo Horizonte sozinha estudar é bem diferente de você levar a família toda com pouco recursos, pois ainda não estávamos ganhando recursos do governo para nos mantermos, foi um desafio muito grande ficar, mas Deus nos abençoou que no final deu tudo certo. O momento de aprendizagem é muito bom na UFMG porque estudamos sobre nossa realidade e a realidade de outros povos. Temos os intermódulos que acontecem dentro da nossa aldeia, é um momento muito rico que aproveitamos o máximo coisas que nem imaginamos sobre nossos antepassados. O que penso para meu futuro é terminar minha graduação e fazer um mestrado. O que mais penso é sempre na minha família e meu povo que sofreu tanto sem escolarização e com poucos conhecimentos sobre os seus direitos, e quero ajudar as pessoas da minha aldeia, e uma das formas é trazendo o conhecimento sobre as leis que garantem o acesso ao nosso território.

Já tenho ajudado, como a terceira liderança da minha aldeia o meu dever é cuidar de cada um. Atualmente estou escrevendo um diário da rotina de um universitário indígena dentro da UFMG no meu ponto de vista e espero terminar ele em 2020, época que termino minha graduação no curso de Línguas, Artes e Literatura.

Na minha comunidade sou professora e liderança. Ajudar na associação de mulheres da aldeia é um dos meus trabalhos, sou líder de uma denominação Igreja Evangélica Intertribal. A religião evangélica se tornou muito comum dentro das Aldeias Indígenas, então eu como liderança percebi que a maioria das igrejas evangélicas incentivavam o não uso da cultura, então nosso povo estava se convertendo e esquecendo a própria cultura.

Como eu também estava no mesmo barco, eu juntamente com algumas lideranças indígenas como Joel Braz e Cacique Alvair José e meus pastores Francisco Felix e a missionária Rita de Cássia que vieram do Rio de Janeiro criamos um ministério novo, onde o índio poderia servir a Deus e ao mesmo tempo valorizar e fazer uso da sua cultura sem nenhuma proibição. Assim começava a existir a Igreja Evangélica Intertribal que foi criada no ano de 2009 com intuito de ajudar as comunidades indígenas com fortalecimento da cultura, pregação do evangelho e também foi inserido um curso específico de Patxohã (língua Pataxó) e teologia; esses cursos eram oferecidos para os evangélicos e não evangélicos sem compromisso de se converter a essa religião, sendo assim fomos um dos pioneiros a traduzir alguns livros da Bíblia do novo testamento e também louvores para nossa língua, o Patxohã. Muitas pessoas já saíram das drogas e do alcoolismo através desse projeto e desse ministério onde Deus tem abençoado a dar certo, em uma comunidade onde até tempos atrás era proibido o evangelismo e a entrada de missionários não indígenas nas comunidades indígenas, inclusive esse projeto está caminhando do jeito que imaginamos.

Esse projeto da igreja Evangélica indígena está em quatro aldeias que são Boca da Mata, Barra Velha, Corumbalzinho e aldeia Cassiana, hoje também temos aulas de Patxohã uma vez por semana na Igreja e nesses momentos traduzimos louvores, partes da bíblia e sempre começamos a aula com a oração em Patxohã (linguagem de Guerreiro) e essa aula serve para adultos e crianças; falamos também da valorização e respeito pelos pajés e benzedeiras da nossa comunidade; muitos anciões da nossa aldeia ficam alegres em saber que uma igreja evangélica está valorizando tanto a cultura ao contrário de muitas outras que entram nas aldeias para tirar a cultura.

Tenho muitos sonhos, dois deles já foram realizados, o de ser professora numa comunidade e de ter um casal de filhos. Os outros sonhos são construir um templo onde eu possa fazer um centro de recuperação para os parentes que fazem o uso de entorpecentes; e que a comunidade tenha outro meio de sobrevivência que não seja com o desmatamento.

3.2 A história da Aldeia Boca da Mata: como tudo começou

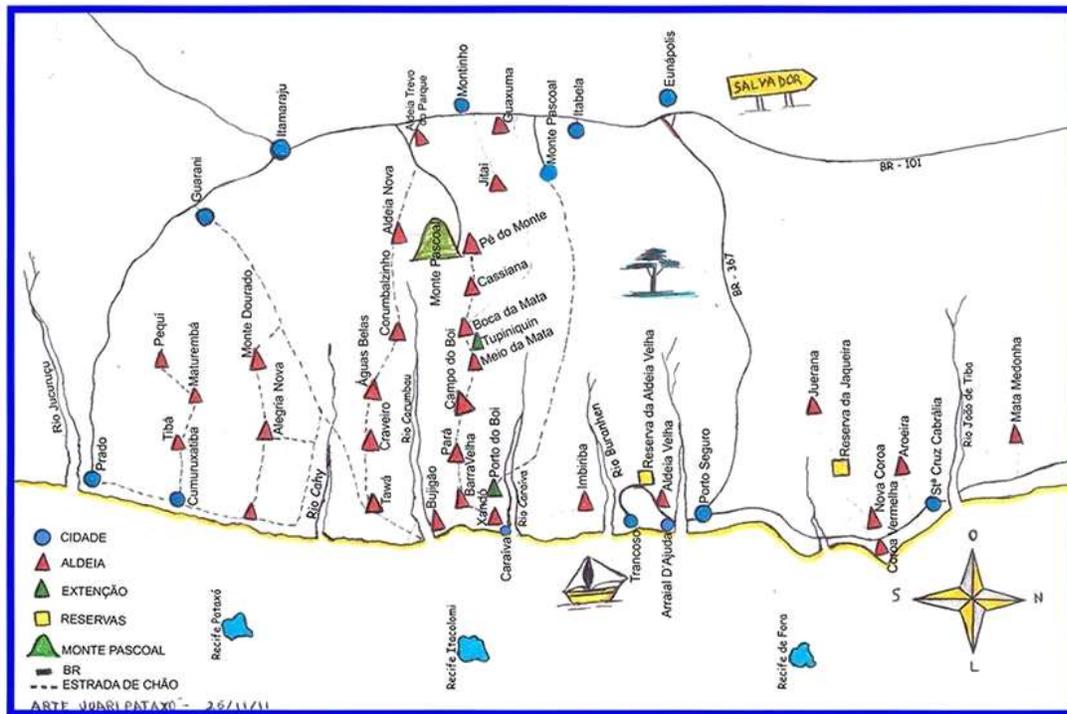


Imagem 4 - Mapa das aldeias do território Pataxó de Barra Velha, produzido por Juari e Rodrigo Pataxó, 2011.

A aldeia Boca da Mata foi fundada em 1974 por quatro famílias, Braz, Ferreira, Pereira, e a família Santana, após o massacre de 1951. Como o próprio nome já diz Boca da Mata, perguntei ao meu sogro senhor Josedelquias atualmente com 90 anos, em uma entrevista, porque esse nome? Ele disse que foi um dos primeiros moradores desta aldeia e esse nome surgiu porque essa aldeia era coberta de muitas árvores, uma verdadeira floresta sem devastação e que tinha apenas uma passagem que dava acesso para passar e que parecia uma boca e assim surgiu o nome da Aldeia Boca da Mata.



Imagem 5 - Mapa Google Earth via satélite Aldeia Indígena Pataxó Boca da Mata, Porto Seguro-BA 2020

No ano de 1951 houve um grande massacre com nosso povo da aldeia Barra Velha, tudo começou com a chegada de um tal doutor Barros segundo os mais velhos contam, inclusive na entrevista que fiz com senhor Zildo ele afirma que esse tal doutor tinha vindo pra demarcar a terra e ainda chamou ele e mais uns parentes para ajuda-lo; mas na verdade foi uma mentira ele estava tirando a metade do parque fora onde existia a fauna, flora e a maior quantidade de terra onde os parentes podiam plantar e colher, foi quando em 1943 começaram a proibir os índios de plantar, como os índios não aceitaram foi então que um indígena líder da aldeia Barra Velha, chamando Honório, saiu em busca de ajuda para ter a terra de volta; foi em Brasília, Rio de Janeiro e Salvador. Na maioria das viagens o senhor Honório ia a pé; tio Zildo fala que quando um líder saía em busca de soluções para os problemas da aldeia, os parentes juntavam faziam artesanato para manter a

viagem e até mesmo faziam farofas para comer nas estradas; por uma dessas cidades o seu Honório conheceu por lá dois indivíduos que se diziam chefe do Estado, e que iriam a Barra Velha demarcar o território; mas foi uma cilada; na verdade eles foram para enganar nossos parentes com mentira e falsas promessas de demarcar as terras.

Hoje o povo Pataxó vive no extremo Sul da Bahia nos municípios de Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália, Itamaraju, Prado e também nos municípios mineiros de Carmésia, Araçuaí, Açucena e Itapeçerica; isso tudo aconteceu devido ao massacre de 1951 hoje conhecido por nós e pelos mais velhos como o fogo de 51; muitos dos nossos parentes se viram ameaçados em não poder se identificar como indígena, com medo de falar e voltarem a ser humilhados, até hoje muitos anciões que foram vítimas do massacre se sentem constrangidos em conceder uma entrevista ou falarem sobre o assunto e muitos vivem até nas cidades e ainda não revelam que são indígenas e nem querem voltar para aldeia com medo de viver tudo de novo.



Imagem 6 - Centro da Aldeia Indígena Pataxó Boca da Mata. Fotografia de Edi Pataxó, 2019

A música a seguir é de Kanatyó Pataxó, e conta sobre o fogo de 51, faz parte da história de vida do Povo Pataxó mesmo tantos anos depois.

Eu vou contar uma história que aconteceu, É muito antiga que eu ainda não existia, E quando canto chega dói meu coração, Em saber o que aconteceu com meus irmãos. Meu pobre pai saiu correndo de sua aldeia, Uma criança ao seu lado não deixava, Isso eu garanto falo com muita certeza, Quando me lembro conto com muita tristeza./

Eles passaram muita fome muitos dias, E a criança inocente não sabia, Quando acabou tudo aquilo que passaram Pra sua aldeia voltou com muita alegria. Isso passou tão de repente geralmente, Agora vejo meus irmãos todos contentes Mais eu ainda me sinto tristonho da vida, Por saber o que aconteceu com minha gente. Eu escrevi isso tudo mais não vi, Agora peço que vocês cante comigo, Eu também peço que vocês nuca se esqueça Da minha parte eu nunca vou esquecer.

(Música do fogo de 51, KANATXYO PATAXÓ; PATYÓ PATAXÓ, s.d. apud SANTANA, 2016)

Hoje é dia 23 de outubro de 2019, dia em que tive a honra de conhecer uma das primeiras lideranças da minha aldeia, o ex Cacique Eli Ferreira Pataxó, que atualmente mora em Coroa Vermelha; eu fui visita-lo, pois minha mãe sempre falava bem dele como ele era um bom líder.

Em meio as nossas conversas falou das dificuldades e também das coisas boas que viveu na sua juventude e na luta Pataxó passamos uma tarde de conversa e mais de meia hora de gravação e quando eu já estava perto de me despedir ele pediu pra ouvir toda a gravação e ali começamos ouvir.

Perguntei para ele sobre a luta Pataxó, demarcação e sobrevivência, em uma de suas sucintas palavra afirmou que antigamente a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), ajudava muito nosso povo, comprava bois, trazia sementes de feijão, milho e mudas de café, para dividir entre as famílias e quase todo mês traziam também uma cesta básica para cada família.

Minha filha quando a comunidade me escolheu para ser cacique eu era muito novo não tinha conhecimento de mundo e nem sabia ler, não sabia nem pegar um ônibus, mas mesmo assim tive o prazer de ajudar minha aldeia do jeito que eu podia, muitas vezes viajava sem dinheiro passava muitos dias longe de casa, para conseguir as coisas para minha comunidade, passei fome deixei a minha esposa e meus filhos em casa para ajudar meu povo. (Eli Ferreira Dos Santos)

Dois meses após essa entrevista o senhor Eli Ferreira veio a falecer, ele foi como uma biblioteca viva que se foi levando muita sabedoria e conhecimento sobre a luta Pataxó, seus ensinamentos e conselhos vão ficar pra sempre guardados na minha memória.

4. A LUTA PELA DEMARCAÇÃO E A SOBREVIVÊNCIA

Segundo o senhor Josafá no início da aldeia de Boca da Mata o território era “suficiente” porque havia poucas famílias, então naquela época a aldeia Boca da Mata era a aldeia que mais produzia farinha e piaçava e as famílias viviam exclusivamente desses recursos, além da caça e da pesca que faziam parte da sua sobrevivência; na saúde viviam exclusivamente de remédios naturais encontrados na própria aldeia.

Mas com o passar do tempo, as famílias foram aumentando, e também é do perfil indígena Pataxó formar família muito jovem, com treze e quatorze anos já são pais e mães. O território foi ficando pequeno e a luta agora se torna maior. A terra já não dá para todas as famílias plantarem mandioca, com que faziam a farinha e o beiju; e plantações de feijões. As piaçavas, que é uma espécie de palha que eram tiradas de uma palmeira e vendidas em regiões como Caraíva e Montinho para fabricação de vassoura e cobertura de casas e diversos tipos de objetos artesanais, já estavam acabando. É tanto que hoje em dia aqui na aldeia não tem piaçava em grandes quantidades. Essa história é apenas para nos fazer lembrar como era difícil a vida dos meus parentes naquela época, um povo humilde e sem escolarização e com poucos conhecimentos sobre os seus direitos, e mesmo assim tinha uma vontade enorme de viver e continuar lutando pelos nossos direitos.

Então o povo encontrou uma nova alternativa para sobreviver segundo o senhor Josafá, ele foi uns dos primeiros moradores da aldeia Boca da Mata, os indígenas começaram a fazer artesanato de madeira como a colher de pau, gamela, coxo, tudo com os objetos simples como usavam o facão para fazer, o enxó e o formão para cavar e uma folha da árvore chamada embaúba que tem um aspecto grosso que servia como lixa para dar o acabamento nas peças de madeira.



Imagens 7, 8 e 9 – Enxó, formão e folhas de Embaúba. Fonte: <https://pt.wikipedia.org>.

No início, mais ou menos no ano de 1990, faziam as peças apenas para coisas mínimas e em pequenas quantidades para a própria sobrevivência, vendia ou trocava por alimentos no vilarejo chamado Montinho, ou saíam para vender em Caraíva ou trocar por alimentos como peixes, roupas entre outros objetos que não tinham na aldeia, e assim iam vivendo a vida como podiam.

Hoje na Aldeia Boca da Mata, Aldeia Cassiana, e Meio da Mata é assim; moramos em uma espécie de um vale, de um lado existem fazendas e do outro é Parque Nacional Monte Pascoal onde não se pode sequer tirar uma árvore; ou seja, não temos muitas opções de trabalho já que nessa pequena terra moram mais de 532 famílias, sobrevivem na maioria de artesanato de madeira e alguns por empregos temporários como: professores contratados, brigadistas do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Nosso território Pataxó fica em torno do Parque Nacional do Monte Pascoal (PNMP) é o maior território com vários tipos de diversidades da fauna e da flora.

Criado sob o Decreto N° 12.729 de 19/04, o parque era chamado primeiramente de Parque Monumento do Monte Pascoal, criado pelo Governo Estadual da Bahia, mas não foi implantado, por toda sua parte oeste ter sido invadida por plantações de café e cacau. Em 1959, o Parque Monumento foi doado à União pela IV Inspeção Regional da Bahia, para se criar o Parque Nacional do Monte Pascoal. Foram excluídas as áreas que já tinham se tornado fazendas, e os Pataxó foram expulsos da área, ficando apenas em 210 hectares. Logo após, os Pataxó, que usavam os recursos naturais e partes do território para fazer suas roças da qual tiravam seu sustento para sobreviver, estavam proibidos de continuar exercendo essas atividades, pois a área passou a ser do PNMP. O que entra em choque com os guardas do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) e, mais tarde, com as administrações do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) regional. No decreto de criação do parque lemos que a justificativa para a criação do PNMP considera: “A excepcional importância de que se revela o Monte Pascoal, no Município de Porto Seguro, Estado da Bahia, não só pelo seu valor histórico, como pelas paisagísticas oferecidas pela região”. (DECRETO N°. 212, DE 29 DE NOVEMBRO DE 1961). Ou seja, o governo considerava o local de importância histórica e paisagística sem considerar os moradores originários do território, revelando uma noção de conservação esvaziada de seu conteúdo humano, que tem como objetivo não a sobrevivência de uma população, mas apenas de servir como vitrine para turistas e pessoas de fora da área. Enquanto isso, o Povo Pataxó

passava por dificuldades por causa das áreas improdutivas que lhes deixaram; os fazendeiros criavam suas cercas de metros e mais metros quadrados dentro do nosso território, como se eles fossem os verdadeiros donos e o órgão gestor do PNMP perseguindo os índios com sua vara de pescar, suas armadilhas artesanais de caça e sua enxada, como se fossem os principais agentes pela devastação da Mata Atlântica, sendo que quando esta lhes pertencia continuou com sua biodiversidade e exuberância, tanto que eles encontraram o que “conservar”. (Iraia Pataxó 2017 p.25)

Hoje o Parque Nacional do Monte Pascoal e a aldeia conhecida como Aldeia Pé do Monte e vivem exclusivamente do turismo; pessoas vêm de várias regiões do país e até mesmo de outros países para conhecer essa biodiversidades, mais hoje quando chegam aqui, ao invés de ouvirem os sons dos pássaros estão encontrando apenas zoadas de motosserras, árvores centenárias cortadas e jogadas ao chão. Mas se a derrubada de árvores continuar de que nossos parentes vão viver?

4.1 A devastação em torno das áreas indígenas

A Veracel Celulose tem presença forte na região territorial das aldeias indígenas de Porto Seguro. A Veracel Celulose é uma empresa multinacional que faz a prática de produção da celulose.

Em 2005, ela inaugurou, juntamente com uma transnacional finlandesa, sua quarta fábrica no Sul da Bahia, com a presença do ex Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Aliás, todas as suas inaugurações contam com a presença de Presidentes da República. O passivo social cultural e ambiental que é devido às populações indígenas, quilombolas, ribeirinhas e camponesas é imenso. Apesar disso, essas empresas continuam recebendo, pelas mãos do governo brasileiro e de organizações não governamentais (ONGs) por ela patrocinadas, prêmios por ser cumpridora do seu papel socioambiental. Não obstante, registra-se, ao longo dos últimos 35 anos vários movimentos de resistência por parte das populações locais particularmente dos indígenas (ANJOS; ROSEMBERG; SOUZA, 2011).

Quando essa empresa chegou à nossa região houve um desconforto muito grande pra algumas lideranças e moradores que achavam que com a plantação do Eucalipto iria tomar parte do nosso território, sem contar com os impactos ambientais que essa empresa trouxe com as plantações; mas com o tempo a Veracel se mostrou parceira com as comunidades indígenas tendo até ajudado

algumas das comunidades indígenas da nossa região com doação de material escolar para os estudantes, tinha uma ajuda de custo para uma festa de encerramento do ano letivo e ajudou por muito tempo, mas de uns quatro anos pra cá não temos mais essa ajuda. É uma empresa que tenta ajudar, mas no meu ponto de vista deveria ajudar mais. Já que a Veracel pegou o território ela devia providenciar uma reparação que não fosse uma ajuda de vez em quando, do jeito que ela quer, mas uma reparação de acordo com a demanda que tem os Pataxó dessa área. Ela pegou o território, então ela deve ressarcir o povo Pataxó. Ela devia ouvir os Pataxó para definir como fazer essa reparação.

Na área onde a Veracel atua existem cerca de 25 mil índios que são reconhecidos ou que se reconhecem como indígenas. São 29 aldeias Pataxó e três aldeias Tupinambá, duas comunidades bastante expressivas que demandam uma série de necessidades, como educação, serviços de saúde, assistência na agricultura, entre outras, que nem sempre são atendidas pelo Estado. Nos últimos cinco anos, a Veracel investiu mais de R\$ 3 milhões em ações junto as comunidades indígenas. São investimentos direcionados para a reforma, melhorias e construção de escolas, bem como doação de computadores e material escolar, só em 219 foram doados 5 mil conjuntos de material escolar exigidos pelas escolas (VIEIRA, 2019, p.38).

Em 2013 juntamos com nossos parentes da aldeia Guaxuma e outras aldeias e fomos reivindicar uma parte do nosso território que a empresa Veracel estava tomando com o deserto verde. Fechamos a BR 101 fizemos protestos e depois de muita luta conseguimos e hoje é uma aldeia chamada Aldeia Nova Esperança que fica situada às margens da BR 101 Município de Porto Seguro. A Veracel depois de algum tempo ainda ajudou com construções de casas e escola na comunidade.

4.2 Problemas gerados pela não demarcação de terras

O território Pataxó ainda está no processo de revisão de seu limite, sendo que a Terra Indígena Pataxó Barra Velha abrangerá, depois de demarcado, um limite de 52.748 hectares, no sentido leste à oeste desde o córrego do Champrão à Serra do Gavião, e a Terra Indígena Cahy/Pequi – Cumuxetibá, onde está sobreposto o Parque Nacional do Descobrimento, atualmente em processo demarcatório (SANTANA, 2016, p. 23).

Muitas famílias foram para luta fizemos uma retomada em torno Parque Nacional do Monte Pascoal e conseguiram permanecer lá desde agosto de 1999 até os dias de hoje. Esse território de Monte Pascoal ainda não é demarcado se tornando conhecido hoje como a aldeia Pé do Monte. Então a aldeia Boca da Mata, ainda continuou pequena para muitas famílias. Algumas pessoas começaram a entrar no Parque em uma área degradada pelo fogo e o desmatamento, buscando alternativas para fazer roças, mas o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) proibiu. No próximo tópico, abordarei as relações com esse órgão.

Além do governo não demarcar nossas terras ainda nos proibiu de fazer algumas plantações. Sei que é de doer o coração ver nossas matas morrendo nossos rios secando, todo ecossistemas se destruindo, mas precisamos alimentar nossos filhos. Nós iríamos fazer roças em uma área que já estava desmatada devido a grandes queimadas na região, mas isso nos foi impedido. Agora a alternativa que nos resta é do artesanato de madeira, mesmo que acabe trazendo um grande impacto para a floresta e até mesmo consequências para a futura geração, porque não temos outra opção, aliás teríamos sim se nossas terras fossem demarcadas.

O tempo foi passando e começaram a entrar na aldeia outros meios de fazer o artesanato. Porém, ao invés de ser de facão como antes, agora começou a entrar na comunidade os maquinários que servem para fazer outros tipos de artesanato, pois o processo na produção desse tipo de artesanato é maior, mais rápido e exige menos tempo, e não serve somente para sobreviver com coisas mínimas mas também com uma grande produção sendo comercializada para terceiros e às vezes até perdendo o seu valor cultural já que agora não são somente indígenas que fazem e sim pessoas que saem de dentro das cidades e aprendem a fazer o mesmo tipo de artesanato e levam para fazer nas cidades.

Segundo dona Cacilda uma anciã da Aldeia Boca da Mata esse tipo de motosserra, foram parentes que moravam em cidades e quando conheceram trouxeram esses objetos pra dentro da Aldeia. Na conversa com senhor Everaldo, quando uma árvore cai ela não cai sozinha, ela acaba levando junto várias outras espécies que habitam ao seu redor. Quando esse tipo de motores elétricos chegou na aldeia, prejudicou alguns pais de famílias porque não sabiam e até hoje não sabem manusear adequadamente os maquinários industriais e às vezes acontecem muitos acidentes de trabalho com essas pessoas perdendo partes das mãos, e já houve morte de parente na derrubada de grandes árvores. Certa vez um parente chamado Alandrino, mais conhecido na comunidade com Ega, saiu

como de costume para fazer seu artesanato ou seja a gamela e derrubou uma árvore grande; quando a árvore começou a cair acabou derrubando uma outra árvore que estava perto desse parente e então não deu tempo dele correr, a árvore acabou caindo em cima dele e ele acabou vindo a óbito. Esse fato aconteceu dentro da minha aldeia e abalou todas as comunidades, ele deixou cinco filhos pequenos sendo um ainda recém-nascido.

Nas minhas pesquisas acabei descobrindo que a cada dez homens da aldeia indígena Pataxó Boca da Mata, três já tiveram que amputar um dos dedos. Ainda com a fala de Dona Cassilda, disse que logo quando surgiram os artesanatos dois parentes brigaram, um arrancou a madeira de nome jacarandá uma árvore muito rara e cara, e deixou escondida pra fazer o artesanato. No outro dia quando chegou no local ele percebeu tinham roubado a madeira dele, e ele descobriu foi quando houve uma discussão entre eles e o que roubou a madeira acabou morrendo pelas agressões do dono da madeira. Há muitos anos atrás, os indígenas da aldeia faziam artesanato com esse tipo de madeira, hoje não fazem mais.



Imagem 10 - Motores elétricos instalados na Aldeia Boca da Mata. Arquivo pessoal da autora, 2019.

Ainda na conversa com o senhor Everaldo, surge também um grande poder político e econômico dentro das comunidades indígenas por parte de pessoas não indígenas, que querem usufruir desse material à custa dos indígenas e principalmente na aldeia Boca da Mata, Meio da Mata e Aldeia

Cassiana, que a maior parte da matéria prima sai de dentro das nossas aldeias para várias outras comunidades e mesmo em grandes cidades.

Com isso e outros fatores como queimadas, muitos não indígenas pegam madeira nas madrugadas para fazer cerca em fazendas; a floresta está se degradando, já não existe mais caça, as nascentes estão mortas, muitos rios já estão secando inclusive um dos rios da nossa aldeia recebe um esgoto da cidade vizinha. Tudo isso nos traz a refletir quanta falta faz a demarcação do nosso território!

Não há outra alternativa para a sobrevivência a não ser um território maior, onde podemos plantar colher e ter uma vida digna dar um futuro melhor para nossos filhos. Às vezes recebemos muitos projetos por parte dos Governos Federal e Estadual para as famílias como, por exemplo, plantações de abacaxi, corante, banana, pimenta e cacau, milho e feijão, mas os projetos acabam voltando porque as famílias não têm terra para plantar e praticar a agricultura e até mesmo afeta a nossa cultura porque o território para nós Pataxó é de grande importância e valor histórico e espiritual. Queremos fazer isso sem destruir nosso bem maior que são as florestas, rios e animais ou do contrário, isso tudo vai ser apenas uma lembrança para as futuras gerações e não terão oportunidade de tomar banho de rio, pisar na floresta, comer uma caça, pescar, beber um kawî. Talvez isso seja uma coisa simples pra muitos, mas pra nós Pataxó é um tesouro precioso, uma dádiva, sempre será porque não existe coisa melhor pra nós do que poder viver em contato com mãe natureza. O que podemos perceber que uma coisa é certa, onde têm indígenas há florestas preservadas, rios limpos, e animais mesmo que não seja como antes, o pouco que temos conseguimos preservar, território e sobrevivência tem tudo a ver uma está relacionada a outra.

4.3 O artesanato de madeira como forma de sobrevivência e a relação com o ICMBio

Em entrevista com a dona Cassilda ela deu o seguinte exemplo: enquanto um parente que não usava motores para fazer artesanato derrubava uma árvore com machado durante dias e passava cerca de um mês fazendo artesanatos como coxo, gamela, e colher que também servia como objetos de casa para pôr mantimentos, e faziam gamelas grandes para dar banho na mulher quando ganhava bebê e depois servia para os filhos tomar banho, já o outro parente que já tinha todos os motores demorava cerca de horas para derrubar mais de três árvores e que faziam artesanatos em apenas uma semana.



Imagem 11 - Coxo feito à mão pelo índio Gurim, na Aldeia Boca da Mata. Arquivo pessoal da autora, 2019.

Mas uma vez que a aldeia aumentou e aconteceu o primeiro processo de retomada, que foi no dia 19 de agosto de 1999, o povo Pataxó decide retomar seu território novamente, do qual o governo havia apenas demarcado e homologado 8.627 hectares (onde hoje está situada a Terra Indígena Pataxó Barra Velha) dentre os 22.500 hectares. Segundo uma conversa com senhor Everaldo Braz dos Santos, Liderança da Aldeia Barra Velha, afirma que o Território Indígena Pataxó Barra Velha, onde a maior parte já demarcada fica na parte litorânea, pela quantidades de aldeias não é suficiente para trabalho de agricultura e outros meios de sobrevivência. Então na verdade os indígenas são obrigados a viver com o desmatamento para sobreviver, e fazer isso pra nós é destruir a nossa essência e a raiz do povo pataxó. O Parque Nacional já está se acabando precisamos o mais rápido possível de outra alternativa de renda, e de uma fiscalização mais eficaz por parte do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) já que não é só nós indígenas que fazemos artesanatos. É muito triste sermos testemunha dessa devastação ambiental de um bem tão lindo como a floresta do Parque Nacional, o nosso tesouro.

O ICMBio hoje é muito importante pra área da preservação ambiental pois ele quem cuida dessa parte. Já tivemos vários cursos sobre preservação ambiental, como fazer um aceiro antes de fazer uma queimada. Nossa relação com esse órgão hoje é de sermos parceiros, ele tem ajudado com alguns empregos temporários apenas no verão e alguns pais de família aproveitam para ter uma experiência; quando surge um emprego desses, muitas vezes o pai de família larga de fazer produtos de madeira e começa a proteger o meio ambiente, ou seja, ele já tem uma conscientização

pra cuidar daquele meio ambiente, mas o emprego é um contrato de apenas seis meses, depois disso a pessoa acaba voltando à mesma prática.

Já tivemos várias brigas com esse órgão, porque eles já prejudicaram muitas famílias com fiscalização e apreensão de cargas de madeiras, embargaram alguns parentes ao fazer roças nos lugares que já foi uma queimada e era área de preservação, eu sei que devemos proteger a nossa mãe Natureza, mas eles têm que mostrar projetos para comunidade que serve de sustento e benefício para famílias Pataxó, resolvendo assim o problema do desmatamento bem como prolongar esse contrato, fazer processos seletivos que na maioria das vezes contratam mais pessoas das cidades para trabalhar na aldeia; por que não contratar da própria aldeia?



Imagem 12 - Derrubada de madeira no parque Nacional. Fotografia de Tohō Pataxó, 2020.



Imagem 13 - retirada de madeira no Parque Nacional. Fotografia de Tohō Pataxó, 2020.

Embora os indígenas sejam acusados de desmatar a floresta, esse tipo de desmatamento de árvore centenária que acaba não só com o ambiente, mas acaba também com a ancestralidade, dificilmente teria sido feita por um indígena que nem tem instrumento, um maquinário de última geração para cortar uma madeira desse tipo e nem condições para transportar essa madeira que seria por meio de trator ou caminhão. Até mesmo não temos caminhões que podem levar esse tamanho de madeira como podem ver nas imagens, os não indígenas que trabalham com o artesanato tem muito mais condições para levar uma quantidade maior de madeira do que nos indígenas, e com certeza esse impacto é diferente. Embora somos acusados de desmatar a floresta existe um tipo de desmatamento que não fazemos, nós usamos madeiras mortas, caixeta, eucalipto, bambu.



Imagem 14 - Meio de transporte usado para carregar madeira pelos indígenas. Fotografia de Jeane Ferreira, 2019.

4.4 Processo de retomada da Terra Indígena Barra Velha: Aldeia Boca da Mata

Em 2014 iniciou-se um processo de retomada em algumas fazendas improdutivas da região. Foi um momento muito difícil para a comunidade Pataxó de Boca da Mata, com muitos confrontos entre fazendeiros e indígenas. Foi aí que começou mais um processo de retomada, e desse eu participei. Ficamos ali durante dez meses plantamos, colhemos, mas alguns fazendeiros não estavam nem um pouco satisfeitos com nossa presença. Então, armaram uma cilada na calada da noite, pois sabiam que o carro da saúde sempre levava pessoas doentes e grávidas para o hospital da cidade próxima que é Itamaraju. Neste dia, por coincidência estavam no carro o motorista, uma senhora e uma mulher que estava com dores de parto. Foram atacados com vários tiros, nesse momento saíram correndo do carro fugiram para o mato e graças a Deus não foram atingidos.

A luta pelo território é grande e as dificuldades são muitas, mas não desistimos daquilo que é nosso por direito, pois antes dos portugueses chegarem aqui nossas terras não tinha divisão nem limites, hoje precisamos brigar, e até morrer por aquilo que é nosso por direito. Como diz o cacique Braga, da Aldeia Pé do Monte, *“o limite da nossa terra é até aonde a nossa vista alcança”*.

Após tudo isso acontecer, recebemos uma liminar para desocupamos as terras. No momento não aceitamos, então veio a força tática da polícia nacional e exército; tentaram nos tirar a força, com balas de borracha e até armas com munições, todos saíram correndo pelas florestas mulheres com crianças, idosos eles não estavam nem somando quem era, atiraram bombas e bala de borracha e logo depois que saímos queimaram as casas e tudo que ficou no local inclusive os documentos de algumas pessoas.



Imagem 15 - Área de retomada invadida pela força nacional. Fotografia de Juliana Pataxó, 2014.

Voltamos para aldeia Boca da Mata, o clima era tão pesado que muitos parentes de outras aldeias nos abandonaram nos momentos que mais precisamos um do outro, pois na fala de alguns parentes

ficaram até com medo de falar que eram indígenas ou moravam na aldeia Boca da Mata; já não podíamos passar na estrada que dava acesso a cidade, ficamos vários dias sem comprar mantimentos ou fazer qualquer tipo de atividade na cidade; e com todo esse processo da retomada de algumas fazendas improdutivas onde os fazendeiros não pagam impostos, hoje os fazendeiros arrumaram uma forma para não perder as suas terras, começaram a plantar banana, pimenta do reino, café, maracujá, e mamão e começaram a contratar alguns indígenas pra trabalhar “olha que coisa boa”; por uma lado até pode ser, mas por outro acredito que fizeram assim como uma forma do governo não demarcar nossa terra, já que a nossa defesa eram as terras improdutivas, enquanto isso uma das lideranças está presa e outro com prisão domiciliar.



Imagens 16 e 17 - Colheita de café na fazenda Zé Roque. Fotografia de Edi Pataxo, 2020.

O cacique da Aldeia Boca da Mata, Alfredo Santana responde a vários processos judiciais em favor da demarcação das terras indígenas; ele é o presidente do conselho de cacique do extremo sul da Bahia, e está por dentro de todos os assuntos e processos da demarcação da terra indígena. Outra pessoa que eu não poderia deixar de mencionar aqui neste trabalho é o parente Joel Braz. Assim como muitos ele respondeu vários processos e até mesmo foi preso acusado de invasão de terras e homicídio. Foi à júri popular em 2014, mas foi provada sua inocência sobre a acusação do homicídio. Todos os parentes participaram desse processo dando total apoio ao parente Joel Braz, inclusive eu presenciei tudo de perto, fizemos um ritual para comemorar a inocência e a liberdade do nosso parente; através da luta dele hoje temos duas aldeias, a Aldeia Nova e a Aldeia Pé do Monte.



Imagem 18 - Julgamentos do Cacique Joel Braz. Arquivo pessoal da autora, 2017.

Em uma das falas dele que presenciei foi muito importante na sua defesa. Ele disse que naquela época foi oferecido pelo fazendeiro dono da terra que estavam fazendo a retomada 500 mil reais mais um carro e uma casa em outro Estado, tudo isso pra ele largar a luta e convencer os parentes de desistir da retomada da fazenda; ele disse para o fazendeiro “você pode me oferecer o que for, mas jamais desistirei de lutar pelo meu povo, jamais viverei bem deixando meu povo morrer sem a terra dos nossos antepassados”.

5. FORMAS DE SOBREVIVÊNCIA NA LUTA PELA DEMARCAÇÃO DO TERRITÓRIO

Hoje na comunidade da Aldeia Boca da Mata o meio de sobrevivência que temos é o artesanato de madeira como colher de pau, gamela, e pilão, que são vendidos ou trocados no vilarejo chamado

Montinho que fica no município de Itabela-BA. Os comerciantes não indígenas vão à aldeia comprar esses artesanatos, ou trocar por cestas básicas, a maioria desses comerciantes que antes não tinham nada, hoje já tem um mercado ou um comércio de alimentos, lojas de roupas, etc. na cidade. Eles pagam pouco pelos nossos produtos, mas cobram muito pelos produtos deles. Na aldeia Boca da Mata vivemos por base da troca, pois parentes que já tem um mercadinho na aldeia ajudam os próprios parentes através da troca. Neste caso o valor da troca é justo, e a dona do mercadinho fala que às vezes não tem tanto lucro que o objetivo dela é ajudar a comunidade, além disso, muitas vezes vende fiado, que é a prática de vender um produto ao cliente e não receber o pagamento à vista, essa prática é muito comum na nossa aldeia



Imagens 19 e 20 - Comercialização do artesanato dentro da aldeia. Arquivo pessoal da autora, 2019.

Os comerciantes não indígenas das cidades e vilarejos não pensam em ajudar e sim em explorar, não pensam como a parente que tem uma pequena mercearia. As dívidas com os comerciantes das cidades só vão aumentando e com o passar do tempo o artesanato que serviria para gerar rendas e fazer compras serve apenas para pagar a conta do mercado.

Alguns indígenas saem de outras aldeias para comprar em Boca da Mata os artesanatos e vendê-los em diversas cidades e até fora do Estado. Costumamos dizer que aldeia sustenta outras várias aldeias e alguns vilarejos porque todo o material que é transportado de Boca da Mata vai para o comércio de grandes cidades e estados.



Imagens 21 e 22 - Comercialização do artesanato, na Praça 7, centro comercial de Belo Horizonte. Arquivo pessoal da autora, 2019.

As pessoas que não vivem do artesanato, trabalham na educação são professores, mas a maioria trabalha por contrato temporário que duram 11 meses. A Escola Indígena Pataxó Boca da Mata contempla uma grande quantidade de funcionários e as turmas vão da Educação Infantil, até o Ensino Médio, assim tem merendeiras, vigias e pessoal que trabalham com serviços gerais, e isso contribui para as pessoas saírem da mata e pararem de fazer artesanatos. Tem também alguns aposentados, e muitas famílias são contempladas pelo Programa Bolsa Família com um pequeno valor que dá apenas para coisas mínimas e acabam completando sua renda fazendo o artesanato, e outras pessoas trabalham na saúde na Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), como técnico de enfermagem, auxiliar odontológico, e agentes de saúde básica.

5.1 Os projetos que garantem parte da sobrevivência na Aldeia Boca da Mata

Existe também a associação de mulheres da aldeia que foi criada em 2011 com o intuito de amenizar o desmatamento e ajudar as famílias da aldeia. Foi a primeira associação de mulheres indígenas da Bahia e como já diz o nome Associação de Mulheres da Aldeia Boca da Mata, da qual eu faço parte, foi criada pelas mulheres da aldeia e é composta apenas por mulheres; a principal responsável é Juliana Santana a atual presidenta, temos tesoureira e conselho fiscal.

Juliana Santana é também uma das lideranças da Aldeia. Recebemos vários projetos pelo Programa Bahia Produtiva, entre alguns deles recebemos um trator; elaboramos vários tipos de projetos,

como horta comunitária, e recentemente vinte famílias foram contempladas com um projeto de criação de aves. O projeto ainda está pra terminar, já foram construídos quinze galinheiros e falta mais cinco para encerrarmos o projeto, mas mesmo assim ainda é pouco já que hoje a Aldeia Boca da Mata tem mais de 300 famílias.



Imagens 23 e 24 - Galinheiro e ovos produzidos na Aldeia Boca da Mata através da Associação de Mulheres. Arquivo pessoal, 2018.

E sem contar as criações de peixe em tanque, ou em lagoas que são feitas na própria aldeia. Outro meio muito importante são os projetos sociais que o governo faz a inscrição para as associações e cooperativas.

5.1.2 A COOPLANJÉ

Atualmente existe uma cooperativa chamada COOPLANJÉ que é um projeto onde várias famílias fazem plantações de mudas nativas, ou seja, é o reflorestamento de áreas que já foram degradadas. Esse projeto começou no ano de 2003 através do Pajé, o senhor Manuel Santana, que tinha o desejo de fazer replantio de árvores nativas no lugar que já tinha sido degradado pelo fogo e pelo desmatamento; com esse projeto ele fez o replantio de uma grande parte da floresta que na época era campo, mas como a idade chegou para o pajé Manuel Santana, hoje ele se encontra debilitado e sem poder tocar seu sonho de plantar árvores, passando para as mãos de um dos seus filhos chamado Mathias e um amigo dele chamado Adelson, que já vinham acompanhando o senhor Manoel Santana com trabalhos voluntários na área das plantações. Mathias, em uma das suas entrevistas, disse que naquela época sabiam que não iriam dar conta porque eles eram pais de família e não podiam se dedicar totalmente com o projeto e as plantações exigem muita atenção e cuidado. Em entrevista, Mathias comentou:

foi então que meu pai o pajé Manoel Santana chegou até oferecer metade da aposentadoria dele para não deixar o projeto acabar mas nem precisou graças a Deus nos começamos a

sermos beneficiados com os projetos como cursos para coletar sementes, projetos de agroflorestas, e ajuda da FUNAI [Fundação Nacional do Índio] começamos a plantar mudas nativas nas nascentes dos rios da aldeia, e logo depois plantamos mais 200 hectares de árvores nativas pelo Instituto Chico Mendes, e assim surgiram oportunidades para diversas aldeias Boca da Mata, Meio da Mata, Cassiana e Barra Velha, cerca de oitenta famílias foram ajudadas pela cooperativa Cooplanjé, e até então não tinham organização de associação ou cooperativa então nos filiamos a uma cooperativa chamada cooplanjar que fica localizada em Caraíva, mas em 2014 resolveram fazer a sua própria cooperativa na aldeia Boca da Mata e assim surgiu a cooplanjé, cooperativa e plantações de árvores nativas. (Mathias Santana da Conceição)



Imagem 25 - Mudas de árvores nativas, Aldeia Boca da Mata. Fotografia de Mathias Santana, 2019.

Mathias seguiu com o projeto de restauração e o sonho do seu pai, a vontade de plantar árvores e tirar uma grande parte das famílias do trabalho como artesanato de madeira. Foi quando surgiram alguns parceiros que resolveram ajudar Mathias a tocar o projeto com a elaboração de projetos e concorrência pelos editais que iam surgindo nos programas dos governos Federal e Estadual. Hoje Mathias juntamente com outras pessoas da comunidade está à frente desse projeto e ganhou parcerias com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDS), e outras empresas como Natureza Bela, Veracel, entre outras.

A um tempo atrás essa cooperativa ganhou um carro e uma moto do projeto do governo Bahia Produtiva, e um projeto do quintal produtivo e vinte famílias foram contempladas com o projeto, onde trabalhavam na cooperativa mais de dez empregado de carteira assinada ou contrato provisório fazendo plantações de árvores nativas, capina do lugar do plantio, ou com trabalho de coletas de sementes na floresta e um projeto de agroflorestas; atualmente o projeto está parado por falta de recursos que vinham dos projetos.

5.2 Os agricultores da minha aldeia

Algumas pessoas que tem um pedaço de terra maior produzem alguns alimentos no fundo de casa para o próprio sustento, fazem horta e alguns plantam pimenta do reino, cacau, banana, melancia, milho e mandioca. Segundo a entrevista com dona Cacilda na aldeia Boca da Mata, era produzido muita farinha e piaçava; às vezes eles andavam até dezoito quilômetros a pé, com a carga no burro para vender e, com o dinheiro da venda da farinha, compravam os alimentos que não tinha na aldeia. Na época ela citou que tinha terra pra todo mundo que vivia lá, mas agora ela não planta nem uma raiz de mandioca porque teve que dividir o quintal com os filhos que foram casando e não tinham lugar pra morar.

Em uma das minhas caminhadas tive a honra de conhecer o quintal produtivo do Senhor Luiz Pesca ele é aposentado e mesmo assim pratica o quintal produtivo para o próprio consumo e de sua família; ele faz horta e planta mandioca, faz farinha e artesanato de sementes que são vendidos na Aldeia Barra Velha.



Imagem 26 - Agricultor Luiz Pesca na aldeia Boca da Mata. Arquivo pessoal da autora, 2019.

6. A CULTURA NA ALDEIA BOCA DA MATA

A cultura na Aldeia Pataxó Boca da Mata ficou por muito tempo adormecida como cantos, músicas, causos, e principalmente a língua, podemos perceber que com o tempo a cultura voltou muito forte dentro da aldeia. Hoje a escola e a comunidade trabalham juntas para manter as raízes tradicionais do povo Pataxó da Boca da Mata, os rituais são feitos uma vez na semana na escola antes de começar as aulas e uma vez por semana na comunidade, os valores tradicionais na nossa comunidade são passados desde a infância na roça, casa de farinha, nas confecções dos artesanatos. Uma das nossas tradições é no mês de março quando acontece a colheita da aroeira, que é uma planta que serve para combater várias doenças e muitos empresários saem da cidade e compram na aldeia para fazer medicamentos e produtos de higiene pessoal, e ajuda muito a comunidade, pena que essa planta só produz nesse mês e a renda ainda continua pouca.

A cultura do embarreio de casas tradicionais também ficou esquecida por um tempo devido aos indígenas estarem construindo casas de tijolos, mas uma adolescente resolveu construir a casa como nossos antepassados. A Laiane Braz do Nascimento tem 17 anos, é moradora da aldeia Cassiana, se casou e fez sua casa de taipa como nossos antepassados. Na tradição, a família convida as pessoas da comunidade para fazer o embarreio, ou seja, a casa; os donos são responsáveis pela alimentação e no final joga-se o dono da casa dentro do barro. Isso é muito comum, também acontecia nas plantações, colheitas de alimentos.



Imagens 27 e 28 - Construção da casa tradicional na Aldeia Boca da Mata e Aldeia Córrego da Cassiana. Fotografia de Wallas Ferreira, 2019.



Imagens 29 e 30 - Modelo de casa tradicional. Arquivo pessoal da autora, 2010.

7. A SAÚDE INDÍGENA DENTRO DA ALDEIA

A saúde na nossa aldeia fica aos cuidados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), esse órgão é responsável pela saúde indígena e tem um polo situado no Município de Porto Seguro e outro em Itamaraju, mas a comunidade Indígena Pataxó de Boca da Mata é de responsabilidade do Município de Porto Seguro-BA.

Contamos com a ajuda de uma enfermeira, um médico, um dentista que vem de Porto Seguro para fazer o atendimento na aldeia uma vez por semana; existem outros profissionais de saúde que moram na comunidade: um técnico em enfermagem, uma auxiliar odontológica e um agente de saúde, esses profissionais ficam dando suporte na comunidade. Temos dois carros e três motoristas, que atendem a comunidade de Boca da Mata, Cassiana e Meio da Mata, os carros são

para algumas emergências que não podem ser resolvidas na aldeia e levam os pacientes para serem atendidos no hospital.

Às vezes enfrentamos muitas dificuldades na saúde indígena, como por exemplo os atendimentos poderiam ser mais frequente, os profissionais poderiam ficar em uma espécie de alojamento durante a semana, mas devido a vários problemas isso não é o que vem acontecendo, a falta de água no posto de saúde é um dos problemas enfrentados pelos profissionais para o atendimento.

8. A GRANDE QUEIMADA DE 2019

Em fevereiro de 2019 aconteceu uma tragédia que abalou todas as comunidades indígenas: um fogo criminoso vindo as margens do rio Caraíva, atingiu parte do Parque Nacional e as aldeias Boca da Mata, Meio da Mata, Cassiana, e aldeia Corumbalzinho, e outras áreas como, Ponta do Corumbal e Caraíva, trazendo um grande impacto para essas comunidades. Colocamos uma lei que ninguém poderia caçar, pescar ou fazer derrubada de árvores enquanto o fogo ainda estivesse acontecendo. Passaram-se duas semanas e nada do governo nos ajudar com as queimadas; apenas os brigadistas não eram suficientes para combater as chamas. Fizemos mutirão entre comunidades, recebemos doação de alimentos e água de outras comunidades e até mesmo o papel da escola foi muito importante nesse processo, as mulheres ajudaram fazendo a alimentação, os homens e inclusive crianças apagaram fogo e quando o parque já tinha cerca de 1.500 hectares das áreas queimadas veio a equipe da Veracel Celulose com o ICMBio e a prefeitura e começaram a ajudar, com tratores, avião e carro pipa para combater o incêndio. Ficamos ali cerca de quatro semanas tentando combater esse incêndio que acabou atingindo a fauna, a flora e o meio de vida dos povos indígenas; muitos homens passaram mal por não terem equipamentos adequados de proteção para combater o incêndio; tivemos uma área de 70 tarefas de terra que foram reflorestadas a algum tempo atrás e infelizmente acabou sendo atingida também, as pessoas que viviam do artesanato começaram a passar necessidade e depois que o incêndio acabou doamos o que sobrou da alimentação que ganhamos para ajudar as famílias.



Imagem 31 - Uma das partes da floresta do Parque Nacional do Monte Pascoal horas antes de ser queimada.
Fotografia: Arilton Pires Pereira, 2019.



Imagem 32 - Começo da queimada do Parque Nacional. Fotografia: Arilton Pires Pereira, 2019.



Imagem 33 - A mesma área queimada em minutos. Fotografia: Arilton Pires Pereira, 2019.

9. CONCLUSÃO: O TÃO SONHADO TERRITÓRIO

E pra concluir minha linha de pesquisa nada mais justo que pensar em como seria se algum dia nossas terras fossem demarcadas? O que mudaria para nós? Foi pensando nessas perguntas que cheguei à conclusão que não precisaríamos perder nossos parentes em lutas e massacres ou responder processos judiciais pela demarcação do nosso território, sangues inocentes não precisariam ser derramados no campo de batalha, e por fim nem uma árvore se quer seria cortada pra matar a fome de alguém. Com a demarcação das nossas terras novas fontes de renda surgiriam para a comunidade, teríamos agricultura no lugar das árvores centenárias caídas, sem contar que a melhora da saúde e Educação seria de outro nível.

Comecei a escrever esse percurso em 2017 e jamais imaginaria terminar ele em tempos de pandemia da Covid-19, de quarentena; foi muito difícil chegar até aqui muitos erros e acertos, mas sei que vou concluir e colaborar ajudando minha comunidade; com isso a comunidade no começo da pandemia estava passando uma certa necessidade pois os compradores de artesanatos não podem entrar na aldeia. Mas daí surgiram algumas empresas e fundações que fizeram doações de sementes como: feijão, milho, coentro cebolinha e abóbora dentre outros e hoje depois de mais de

120 dias de pandemia percebi que meu trabalho falou tudo que nós estamos precisando: primeiro lugar recursos, segundo lugar a terra, e por fim a oportunidade.

A floresta está descansando durante essa quarentena. Outro dia passei em uma das trilhas que os serralheiros de madeira passavam para trabalhar e até a estrada está se recompondo dos estragos causados pelo homem, muitas famílias já têm horta orgânica, no quintal de suas próprias casas; outros estão trabalhando em conjunto, aquele que não tem um pedaço de terra pra plantar está sobrevivendo do auxílio emergencial. Até mesmos montamos uma feira com hortaliças e vários tipos de artesanatos na nossa própria comunidade e essa ideia deu muito certo porque foi uma forma de ajudar um ao outro; é assim que a comunidade Indígena trabalha mas sabemos que esse auxílio não vai durar para sempre, a pandemia vai passar e logo em breve tudo voltará ao normal, o governo e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) deveriam investir mais nas comunidades que assim acabaríamos com o desmatamento do Parque Nacional, tenho certeza que outras oportunidades surgirão para assim avançarmos pra vencermos mais uma batalha.



Imagem 34 - Aldeia Boca da Mata. Arquivo pessoal da autora, 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGUAKSÃ, Plano de Gestão Territorial do Povo Pataxó de Barra, Brasília – DF 2012.

GUEDES, Iraia dos Santos. **Pataxó quer o seu território de volta: o Parque Nacional do Monte Pascoal como unidade de conservação e terra indígena.** 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)– Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.

SANTANA, Cleideane Ponçada. **Cantos tradicionais Pataxó na língua Patxohã.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Habilitação em Línguas, Artes e Literatura.

SANTOS, Erilsa Braz dos. **A história da demarcação da terra indígena Barra Velha.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos; ROSEMBERG, Fúlvia; SOUZA, Luís Antonio Francisco de. **Terra, Território e Sustentabilidade.** São Paulo: Contexto, 2011.

VIEIRA, Camila Alves. **Impactos da monocultura do eucalipto sobre o ambiente no território Barra Velha na visão do povo Pataxó.** 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019
Belo Horizonte, 2017. Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades.

Entrevistas e Relatos:

ALMEIDA Josafá, Aldeia Córrego da Cassiana, Porto Seguro/BA, 15 de julho de 2019. Entrevista concedida a Dajy Pataxó.

BRAZ, Edite relatos casamento cultural, sobrevivência no fogo de 51, Aldeia Indígena Pataxó Boca da Mata março de 2019.

CONCEIÇÃO, Ailton (Zildo). Relatos sobre o fogo de 51, Aldeia Córrego da Cassiana, Porto Seguro/BA, 21 de julho de 2019. Entrevista concedida a Dajy Pataxó.

FERREIRA, Eli; História da Aldeia Boca da Mata e a construção da política interna, na Aldeia, 23 de outubro de 2019. Entrevista concedida a Dajy Pataxó.

SANTANA, Mathias. Projeto Cooplajé, Aldeia Indígena Boca da Mata, setembro de 2019. Entrevista concedida a Dajy Pataxó.

PEREIRA, Josedelquias. Relatos históricos sobre a Construção da Aldeia Boca da Mata Porto Seguro BA agosto de 2019. Entrevista concedida a Dajy Pataxó.

PINHEIRO, Cacilda. Relatos produção de artesanato de madeira, 06 de junho de 2019 Aldeia Pataxó Boca da Mata. Entrevista concedida a Dajy Pataxó.

SILVA, Valtenor. Relatos sobre o processo de retomada do território, Aldeia Córrego da Cassiana 17 de agosto de 2019. Entrevista concedida a Dajy Pataxó.

SANTANA, Alfredo relatos processo da documentação demarcação do território Barra Velha, Aldeia Boca da Mata 12 de março de 2019. Entrevista concedida a Dajy Pataxó.